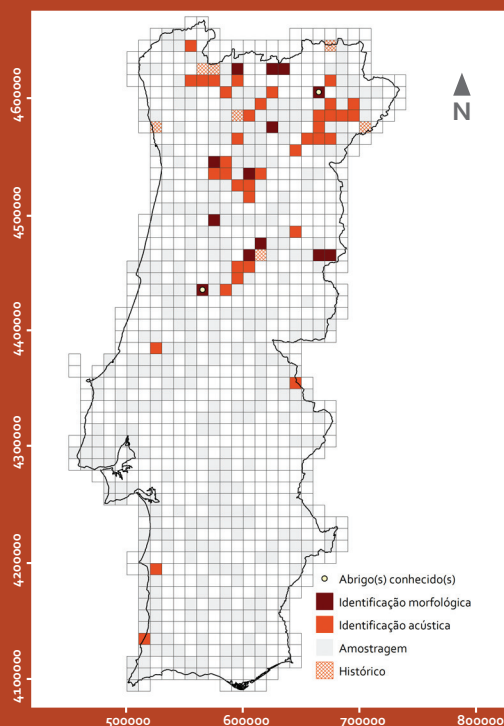


Hypsugo savii (BONAPARTE, 1837)

Morcego de Savii



Fotografia de Paulo Barros



Hypsugo savii (BONAPARTE, 1837)

QUESTÕES TAXONÓMICAS E DE IDENTIFICAÇÃO

Anteriormente incluído no género *Pipistrellus*, *Hypsugo savii* foi classificado e confirmado num género distinto devido às características bioquímicas [229], morfológicas [230] e mais recentemente genéticas [128, 231]. Morfológicamente é uma espécie de tamanho pequeno e de coloração muito variável. Tem orelhas curtas com um trago muito parecido com as dos géneros *Pipistrellus* e *Eptesicus*, que pode provocar confusão quando não são identificados em mão. Contudo esta espécie tem algumas características distintivas, nomeadamente, as últimas vertebrae sobressaem 4-5mm do uropátagio e o seu pénis é pequeno e alargado na parte distal apresentando uma curvatura angular reta na parte proximal e distal [53]. As vocalizações de ecolocalização desta espécie, que podem ser confundidas com as de *Eptesicus spp.* quando voa em espaço muito aberto, caracterizam-se por ter uma FMaxE entre 30-35kHz, pulsos longos (aproximadamente 8 ms) e emitidos de forma irregular mas com intervalo superior a 200 ms [44].

DISTRIBUIÇÃO

Global: *H. savii* é uma espécie paleártica, ocorrendo desde as Ilhas Canárias, Cabo Verde, NW de África (Marrocos, Argélia e Tunísia) e Europa até aos Balcãs, Cáucaso, Ásia Central, Médio Oriente e Ásia oriental. Na Europa, é uma espécie mais ou menos comum nas regiões mediterrânicas e sub-mediterrânicas de Portugal, Espanha e França, ocorrendo de uma forma mais esporádica na Suíça, Áustria, norte da Hungria, assim como no norte da Crimeia, Bulgária, República Checa, Eslováquia, sul da Grécia e nas ilhas mediterrânicas de Chipre e Sardenha [57, 63, 70, 181, 183, 232-235].

Nacional: Até 1999 *H. savii* tinha sido encontrado em regiões montanhosas do centro e norte [24]. De acordo com os dados obtidos no âmbito deste Atlas, esta espécie distribui-se de uma forma ampla mas

fragmentada desde do norte do país até ao sistema montanhoso da Serra da Estrela e, de modo muito mais pontual a sul deste sistema. De uma forma generalizada a sua distribuição acompanha a tipologia preferencial do seu habitat, nomeadamente os grandes sistemas rochosos e montanhosos. No norte e centro do país a sua ocorrência diminui do norte para sul e, do oriente para o ocidente, na zona costeira, a sua presença não foi confirmada, existindo apenas uma observação histórica. No sul esta espécie apenas foi confirmada acusticamente em duas quadrículas costeiras nos concelhos de Sines e Aljezur. São conhecidos apenas dois abrigos, no nordeste de Portugal (Macedo de Cavaleiros) e no centro (Lousã). *H. savii* foi detetado desde o nível do mar na Costa Vicentina, até as zonas mais elevadas da serra da Estrela.

HABITAT

Abrigos: *H. savii* é uma espécie eminentemente fissurícola, refugiando-se em fendas rochosas, muros e pontes, debaixo de pedras [236] e sob a casca de árvores, podendo ainda utilizar fissuras na entrada de minas [70]. Os poucos registos que existem sobre abrigos de criação referem-se a observações realizadas em Itália, onde foram encontradas colónias sob telhas e em juntas de dilatação de edificações [57].

Áreas de alimentação: Esta espécie pode utilizar áreas de alimentação desde o nível do mar até aos 3.300 m de altitude, preferindo zonas rochosas e/ou montanhosas, podendo ainda utilizar uma maior diversidade de habitats, desde vales amplos e sem zonas rochosas a escarpas costeiras e montanhosas, assim como pequenos meios urbanos e habitats constituídos por um mosaico de pastagem, agricultura e matos [57, 183]. Caça em voo preferencialmente alto (acima dos 100 m) e em áreas abertas [57], alimentando-se de Lepidópteros, Dípteros, Hemípteros e Neurópteros [125]. Estudos realizados em Portugal revelam que esta espécie foi capturada em zonas de pinhal, carvalhal, eucaliptal, sobreiral e zonas ripícolas [33].

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Estatuto: Informação insuficiente [51].

Legislação: Espécie incluída no anexo B-IV da Diretiva Habitats e anexos II das Convenções de Berna e de Bona.

São poucas as ameaças identificadas para esta espécie, no entanto, a mortalidade em parque eólico afigura-se como uma ameaça real, representando 7,1% da mortalidade total registada para Portugal [195]. Não obstante a menor importância, a que ocorre em rodovias afigura-se também como ameaça [Obsv. pessoal, 196]. O uso generalizado de pesticidas poderá constituir uma ameaça [57], através da diminuição da diversidade de presas e a contaminação dos morcegos por ingestão de insetos contaminados [51]. A destruição de abrigos, nomeadamente a recuperação de edifícios [57], destruição e/ou inundação de afloramentos rochosos e o abate de árvores, podem também conduzir à morte de indivíduos e/ou à redução da disponibilidade de abrigos.

O desconhecimento generalizado da biologia, ecologia e distribuição desta espécie, torna difícil a sua conservação. Assim, a base de conservação desta espécie deverá assentar num maior conhecimento sobre estes aspetos, através da realização de estudos necessários para avaliar as tendências e planear medidas efetivas de conservação. Na generalidade, estas poderão passar pela proteção de abrigos, o uso racional de pesticidas [51], estudos de impacto ambiental e planos de monitorização de grandes infraestruturas devidamente elaborados, assim como a realização de ações de sensibilização.

OUTRA INFORMAÇÃO

Espécie geralmente solitária, à exceção do período de reprodução, no qual pode constituir colónias de criação de 15-70 fêmeas [57] que dão à luz normalmente duas crias entre início de junho e finais de julho [57], podendo ir, excecionalmente, até à 1ª quinzena de agosto (Obsv. pessoal). É uma espécie que emerge cedo dos abrigos, podendo ser avistada a caçar durante o final da tarde [57].

PAULO BARROS